



# O estômago de um periódico: edição e circulação da *Revista de Antropofagia*

## The stomach of a magazine: edition and circulation of the *Revista de Antropofagia*

Helaine Nolasco Queiroz  
Doutoranda - Bolsista CAPES  
Universidade Federal de Minas Gerais  
[helaineq@hotmail.com](mailto:helaineq@hotmail.com)

**Recebido:** 20/01/2016.

**Aprovado:** 28/04/2016.

### RESUMO:

A *Revista de Antropofagia* consiste em um periódico literário vanguardista que circula em São Paulo, entre maio de 1928 e agosto de 1929, reunindo dezenas de literatos e artistas sob a liderança do escritor Oswald de Andrade. A Antropofagia propõe a deglutição dos modelos importados, especialmente os europeus, no intuito de absorver o que eles têm de positivo, criando uma cultura brasileira mais forte, livre dos recalques a que se supõe estar submetida no período. Ela traça uma inversão da relação modelo/cópia e propõe a criação de uma literatura de exportação, capaz de concorrer em igualdade com outras literaturas no cenário universal. O presente artigo explora características relativas à edição e circulação da *Revista de Antropofagia*, como periodicidade, publicidade, promoção, relação com o público leitor, ilustração, posterior publicação em formato fac-símile, caráter coletivo, dentre outras, com vistas a estabelecer uma relação íntima entre o conteúdo da publicação e seu suporte, ou seja, entre texto, paratexto e contexto.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Revista de Antropofagia*, Oswald de Andrade, Modernismo.

### ABSTRACT:

*Revista de Antropofagia* is an avant-garde literary magazine which circulates in São Paulo (Brazil) between May of 1928 and August of 1929, reuniting dozens of writers and artists under the leadership of the writer Oswald de Andrade. The Anthropophagy eats the imported models – specially the Europeans – to absorb what they have of positive. It creates a stronger Brazilian culture free of its colonization character. The Anthropophagy makes an inversion of the relation



model/copy and proposes the creation of a literature to be exported, able to concur in equality with other literatures in the universal scenario. This article explore the characteristics related to the edition and circulation of the *Revista de Antropofagia*, like periodicity, publicity, off prices, relation with the readers, illustration, publication in a facsimile format, collective character, etcetera. It aims to establish an intimacy relation between the subject of the publication and its format, in resume between text and paratext.

**KEYWORDS:** *Revista de Antropofagia*, Oswald de Andrade, Modernism.

### Introdução

Este artigo explora as condições de edição e circulação da *Revista de Antropofagia*, periódico de destaque da vanguarda literária do Brasil da década de 1920, cujo principal mentor é o escritor Oswald de Andrade. Assim como outros empreendimentos periódicos, a *Revista de Antropofagia* possui características peculiares, como seu caráter coletivo e híbrido e sua ligação com autores e revistas dentro e fora do Brasil, além de se dirigir a um público imaginado e concreto, apresentar preço, forma de distribuição, ter pretensão de regularidade, dentre outras. Tratar de seus aspectos paratextuais significa olhar para a víscera – o estômago – onde se dá parte da digestão dos alimentos alheios e heterogêneos que o projeto antropofágico propõe selecionar, apropriar, deglutir e ressignificar. Significa tratar do “órgão da antropofagia brasileira de letras”, o objeto material onde parte dos alimentos (poemas, artigos, trechos de livros, haikais, entre outros) dos antropófagos é absorvido. Pensar os aspectos relativos à sua edição e circulação nos leva a atentar para inúmeras particularidades do campo intelectual da década de 1920 no Brasil, especialmente a rede de modernistas que se forma em torno do projeto de deglutição metafórica das ideias e dos modelos importados no intuito de reelaborá-los com autonomia, transformando-os em força para a produção de uma cultura nacional.

A proposta antropofágica é de afastamento da relação modelo/cópia que predomina no panorama cultural brasileiro. O ritual indígena celebrado para o fortalecimento da tribo, utilizando as virtudes do inimigo morto e derrotado, é o exemplo da oposição, resistência e impassividade diante da colonização. Se na perspectiva europeia o homem americano é selvagem, sendo seu canibalismo uma marca de inferioridade, na visão positiva e inovadora da Antropofagia, a índole canibal, típica de algumas tribos indígenas do Brasil, permite, na esfera cultural, a assimilação crítica dos modelos europeus. E a reação não se limita apenas à literatura.



Diz Oswald: “Precisamos rever tudo – o idioma, o direito de propriedade, a família, a necessidade do divórcio – escrever como se fala, sinceridade máxima”<sup>1</sup>.

### Extensão e circulação

Difícilmente encontramos um grupo da vanguarda literária que não tenha lançado uma revista. Elas foram os veículos mais adequados para que a intelectualidade pudesse apresentar ideias inovadoras, discuti-las e colocá-las à prova frente à coletividade. Podemos citar no modernismo brasileiro revistas diversas: *Klaxon*, que saiu nove vezes entre 1922 e 1923, em São Paulo; *A Revista*, com três números, em 1925, e *Leite Criólo*, com 16 números, em 1929, ambas em Belo Horizonte; *Verde*, em Cataguases, com seis números, entre 1927 e 1929; *Arco e Flexa*, na Bahia, com três exemplares, entre 1928 e 1929; *Festa*, de 1927 a 1929, com 12 números, e *Estética*, com três números, entre 1924 e 1925, ambas no Rio de Janeiro, dentre muitas outras.

Como se vê nos casos citados, essas publicações têm, na maioria das vezes, vida curta. Regina Crespo esclarece que, diferentemente dos grandes jornais, que “se establecen sobre una estructura más compleja y financieramente más potente”, “las revistas literarias y culturales en general se han caracterizado por una organización más precaria, que normalmente desemboca en problemas de distribución, dificultades financieras y muchas veces en una corta existencia”<sup>2</sup>.

A *Revista de Antropofagia* publica vinte e seis números, tratando-se, portanto, se comparada à periodicidade das citadas revistas modernistas, de uma extensão relativamente grande, uma das maiores no período. As dificuldades em sustentar um empreendimento periódico num país ainda em sua maioria analfabeto e com um campo editorial em desenvolvimento são muitas. Ainda assim, ela logra a manutenção de seu propósito, provavelmente pelo investimento financeiro de seu idealizador, Oswald de Andrade, do seu diretor, Antônio Alcântara Machado e de patrocinadores paulistanos abastados, como Olívia Guedes Penteado.

Há grandes diferenças, no entanto, entre o conteúdo e o formato da publicação em suas duas fases ou “dentições”, o que leva Oswald de Andrade a admitir, mais tarde, que o empreendimento se tratou de duas revistas distintas. A primeira “dentição” consiste de uma revista propriamente dita, com formato tabloide, de periodicidade mensal, que circula entre maio de 1928 e fevereiro de 1929, com dez números. Maria Eugênia Boaventura tece considerações sobre o caráter limitado em termos de distribuição desse primeiro momento:

---

<sup>1</sup> ANDRADE, O.. Shema ao Tristão de Ataíde. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 5, p. 3, maio 1928. Reeditado em: *Revista de Antropofagia*. Edição fac-símile. São Paulo: Abril, Metal Leve S.A., 1975.

<sup>2</sup> CRESPO, Regina. *Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación*. Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales. Colima, Universidad de Colima, 2010. Publicación en CD-ROM, p. 1-15. p. 1.



A primeira fase, de tiragem muito limitada, embora anuncie o preço de 500 réis, talvez não tenha sido vendida, restringindo-se à distribuição entre escritores e artistas. O formato original tem uma apresentação tão simples como se fosse uma revista conhecida apenas para circular entre conhecidos.<sup>3</sup>

É possível dizer que, por se tratar de uma publicação voltada a um público específico e, portanto, mais limitado, há um espaço de liberdade maior para colaborações e críticas. O grau de autonomia editorial da revista, nessa primeira fase, seguindo os passos de Regina Crespo, é maior que, por exemplo, o de jornais de grande circulação.

A segunda “dentição” tem início em 17 de março de 1929 e estende-se até 01 de agosto de 1929, semanalmente. Trata-se de uma espécie de suplemento literário do jornal *Diário de São Paulo*<sup>4</sup>. Novamente, o empreendimento logra estender seu projeto, lançando dezesseis números, apesar de toda a radicalidade de seu formato e conteúdo. O “suplemento” sai, inicialmente, aos domingos. Há um atraso de três dias em abril, quando passa a sair às quartas-feiras. Depois, entre 15 de maio e 12 de junho há uma pausa e, a partir daí, é lançado às quintas-feiras e depois às sextas-feiras. O último número, de primeiro de agosto de 1929, sai em uma quinta-feira. Pode-se supor uma perda de leitores depois do primeiro momento, já que o *Diário de São Paulo* traz uma completude em seu formato aos domingos, com uma espécie de resumo das principais notícias da semana, atraindo mais leitores, o que se intensifica pelo caráter de folga laboral dominical, dia mais propício para a leitura.

É justamente na segunda dentição que ocorre um incremento crítico por parte dos editores, gerentes e colaboradores. A revista tanto se radicaliza, excluindo autores que participaram da primeira fase (até mesmo seu antigo diretor, Antônio de Alcântara Machado), quanto passa a sofrer pressão por parte do agora mais amplo público leitor. O tom de deboche, de ironia e de escândalo se firma e consolida. Segundo Bopp,

[...] viu-se que o movimento antropofágico necessitava de reajustamentos na sua orientação. Em vez de piadismos ligeiros, em torno de assuntos em debate, o grupo deveria fixar-se em análises mais sérias. Achou-se também, que seria conveniente captar maior interesse público para as ideias básicas do movimento. A sua divulgação teria, naturalmente, maior alcance através de algum órgão idôneo da imprensa paulista.<sup>5</sup>

O incremento na visibilidade do projeto pode pressupor o desejo de que as discussões não se restrinjam apenas ao meio modernista. Oswald de Andrade explicita esse desejo antes mesmo do lançamento da revista, em uma entrevista dada a *O jornal*, do Rio de Janeiro, em 18 de

<sup>3</sup> BOAVENTURA, Maria Eugênia. *A vanguarda antropofágica*. São Paulo: Editora Ática, 1985. p. 54.

<sup>4</sup> O *Diário de São Paulo* é fundado em 05 de janeiro de 1929, por Assis Chateaubriand, e conquista o público com distribuição gratuita por um mês a assinantes potenciais, sendo dirigido por Rubens do Amaral. In: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 426.

<sup>5</sup> BOPP, Raul. *Vida e morte da Antropofagia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1977. p. 43



maio de 1928: “Terá vida mais duradoura? Virá mesmo, de encontro a um desejo da massa?”<sup>6</sup> O anseio de ser lido pelas massas pressupõe, ao menos teoricamente, uma preocupação de que as teorias da Antropofagia não se restrinjam a um círculo limitado, mas que atinjam um número maior de leitores, levando ao questionamento sobre o alcance obtido pelo grupo antropófago junto a um público não especializado.

Com a transferência para o jornal, a visibilidade do empreendimento aumenta e a censura externa (de leitores fora do círculo modernista) pode ocorrer com mais agudez. O *Diário de São Paulo* é um jornal de grande circulação em São Paulo e seu público leitor não está interessado especificamente na produção artística/literária. Seus leitores, ainda que sejam parte de um grupo restrito de alfabetizados frente à maioria da população iletrada do país, leem o jornal a procura de assuntos diversos, tais como política, esportes e notícias locais. Fazem, portanto, parte de um público mais amplo, menos especializado e talvez menos tolerante às inovações e deboches que se agudizam na segunda denteição. Raul Bopp esclarece o momento: “Rubens do Amaral perdeu a calma. Pediu para acabar definitivamente com a página. Cresciam as devoluções de jornais, em protesto contra as notas que se publicavam”<sup>7</sup>.

As mudanças no formato e no suporte trazem, portanto, vantagens e desvantagens. A primeira denteição permite mais espaço físico e tolerância para colaborações e circula em um formato propício à remessa dentro de um círculo mais restrito de leitores que à venda propriamente dita. Na segunda denteição, a expansão das ideias tem relação íntima com o formato, ao contar com um veículo de difusão mais consolidado em termos financeiros e de alcance do público leitor. A visibilidade, no entanto, tornada acessível a qualquer leitor do *Diário*, leva o público a pressionar o jornal pelo fim do suplemento. A irreverência nessa fase é muito maior que o esperado para os padrões da época – o que se mostra já de início no subtítulo adotado, “órgão da antropofagia brasileira de letras”, paródia à Academia Brasileira de Letras – gerando reações não muito favoráveis ao conteúdo da publicação.

### **Diagramação**

Além das mudanças em relação à periodicidade e circulação, há diferenças no formato da *Revista de Antropofagia* em suas duas fases. Na primeira denteição, em forma de revista propriamente dita, os exemplares contêm oito páginas, divididas normalmente entre uma a seis seções e com formato relativamente padronizado. A primeira página geralmente apresenta o

---

<sup>6</sup> NOVA escola literária. Os “antropófagos” paulistas: como o sr. Oswald de Andrade fala do novo credo. *O jornal*. Rio de Janeiro, ano X, p. 9, n. 2904, 18 maio 1928.

<sup>7</sup> BOPP, R. *Vida e morte da Antropofagia...* p. 44.



editorial ou crítica, feitos por Antônio Alcântara Machado, além de um poema e de uma citação (com exceção do número 10, que não possui citação). A segunda página contém poema ou prosa e propaganda de livros. A terceira página apresenta textos em prosa, com exceção do primeiro número, em que se publica o *Manifesto Antropófago*. A quarta contém críticas literárias feitas por Alcântara Machado, além de poema e propaganda. A quinta apresenta poema, ensaio ou texto em prosa e propaganda de livros. A sexta página contém poema, prosa e propaganda. Na sétima, publica-se, em forma de folhetim, o livro *Os três sargentos*, de Yan de Almeida Prado (com exceção do primeiro número, contendo um texto em prosa e um ensaio). A última página apresenta seções padronizadas (*Brasiliana* e *Balcão*), além do anúncio sobre a assinatura da revista (com exceção do primeiro número, que contém três textos em prosa). A maior parte das contribuições tem teor literário, desdobrando-se em crônicas, poemas e prosa.

Na segunda fase, o agora hebdomadário muda seu formato, provavelmente para se adequar à página do jornal do qual passa a fazer parte, mas também para acompanhar a radicalização em termos de crítica e conteúdo. Já não é padronizado e seu título pode estar na horizontal ou vertical, de algum lado ou no fim da página. As seções não são nitidamente divididas e os conteúdos mesclam-se, dificultando a leitura, sendo apresentados sob diversas formas: manifesto, poema, citação, crítica, prosa, propaganda, carta, ensaio e *haikai*. Esclarece Maria Eugênia Boaventura:

A mudança para o jornal provocou modificações na revista, incrementadas pela substituição da direção e liderança do grupo. Nessa nova fase, alguns artigos (a série “De Antropofagia” e os “Moquém”) parecem perseguir uma orientação didática, apesar de radical, no sentido de esclarecer o leitor sobre a programática da Antropofagia, esboçada antes.<sup>8</sup>

Novas seções são criadas, algumas com apenas uma aparição. Algumas remetem à participação dos leitores, tais como *Telegramas para a Antropofagia*, *A pedidos*, *Cartas na mesa*, *Carta e Serviço telegráfico*. Outras mostram a expansão das ideias antropofágicas: *A antropofagia em marcha*, *Expansão antropofágica* e *Monteiro Lobato adere à antropofagia*. Há, ainda, algumas que fazem menção à produção do grupo, como *Os clássicos da antropofagia* e *De antropofagia*. A maior parte das seções remete ao assunto ao qual se referem: *A civilização perigando*, *O começo do fim*, *Espírito de sacrilégio*, *Materialismo*, *Porque me ufano do meu Brasil*, *A ordem social e a indumentária*, *A revolta*, *A monogamia*, *Revistofagia*, *Deus segundo um católico*, *Ramalhetes de flores espirituais*, *Santo ofício antropofágico*, *Serviço eclesiástico*, *Raça*, *Ofício*, *Explicação*, *O humor*, *Identificação*, *Moquém* e *Amigos do albeio*. Boaventura faz considerações sobre sua postura de escárnio.

---

<sup>8</sup> BOAVENTURA, M. E.. *A vanguarda antropofágica...* p. 55.



A publicação antropofágica traz à tona, breve e ludicamente, o debate, onde o tom de troça e humorístico da linguagem concorrem para desmistificar e ridicularizar assuntos considerados sérios. Elimina a carranquice do editorial jornalístico e aborda temas incomuns a uma revista literária, pelo menos na época (afora a crítica à sociedade, propostas de legalização do aborto, do divórcio e de substituição do sistema de propriedade privada), numa linguagem nova.<sup>9</sup>

A redução do número de páginas (de oito para uma) não depauperou a revista, segundo Augusto de Campos.

Transferindo-se para página de jornal, a Revista de Antropofagia só aparentemente empobreceu. Ganhou dinamicidade comunicativa. A linguagem simultânea e descontínua dos noticiários de jornal foi explorada ao máximo. Slogans, anúncios, notas curtas e apedidos, citações e poemas rodeiam um ou outro artigo doutrinário, de ponta a ponta, uma caixa de surpresas onde espoucam granadas verbais de todos os cantos. Um contrajornal dentro do jornal.<sup>10</sup>

O “contra-jornal dentro do jornal” materializa-se, portanto, de várias maneiras: no conteúdo dos textos, agora muito mais radicais; nos antianúncios e anticomunicados, a serem explorados em seguida; e nas próprias características gráficas, sugerindo a ideia de descontinuidade e de caos.

### **Espaço de ação**

Beatriz Sarlo assinala que as revistas possuem duas geografias culturais: “el espacio intelectual concreto donde circulan y el espacio-bricolage imaginario donde se ubican idealmente”<sup>11</sup>. Seguindo a proposição da autora, percebemos que a *Revista de Antropofagia* tem, como geografia cultural concreta, inicialmente, a capital paulistana, circulando entre os intelectuais modernistas daquela cidade. Além desse espaço, ela logra estender seu alcance por todo o território nacional. Segundo Bopp, a primeira detenção tem o mérito de penetrar “em alguns núcleos jovens que agitavam as letras nos estados, com anseios de renovação”.

O mensário servia de cartão de visitas, para contato com núcleos intelectuais de vanguarda, nos estados: como o grupo mineiro, de *A Revista*, de Belo Horizonte, e da *Verde*, de Cataguases; a *Revista do Norte*, de Recife; a *Maracajá*, de Fortaleza; a *Madrugada* e a *Revista do Globo*, de Porto Alegre, etc. Por sua vez, a Agência Brasileira, através de sua rede de jornais por todo o país, divulgava, com frequência, súmulas dos acontecimentos no mundo das letras.<sup>12</sup>

<sup>9</sup>BOAVENTURA, M. E.. *A vanguarda antropofágica...* p. 56

<sup>10</sup>CAMPOS, Augusto de. Revistas re-vistas: os antropófagos. *Revista de Antropofagia*. Edição fac-símile. São Paulo: Abril, Metal Leve S.A., 1975.

<sup>11</sup>SARLO, Beatriz. *Intelectuales y revistas: razones de una practica*. In: *America*, Cahiers du CRICCAL, Paris, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, 1992, p. 9-15.

<sup>12</sup>BOPP, R.. *Vida e morte da Antropofagia*. p. 43



Os anúncios sobre a extensão do projeto antropofágico pelo Brasil são constantes em ambas as fases. A carta de Paulo Sarasate, do Ceará, mostra sua satisfação em ver a difusão das ideias da Antropofagia pelo país.

Vocês, da Antropofagia não sabem como a gente está satisfeita. É assim mesmo que nós queremos. E é assim que a coisa tem que sair. O sul chamando o norte. E o norte chamando o sul. Convidando-o para a luta. Assanhando as energias moças do lado de cá e de lá. Movimento assim é que é. Esforços conjugados. União das duas bandas. Com o oeste também. Tudo gritando brasilidade. Tocando na mesma inúbia. Comendo da mesma cuia. Brasileiramente. Antropofagicamente.<sup>13</sup>

Alcântara Machado mostra que a disseminação do ideal antropofágico alcança até mesmo cidadezinhas como Itanhandu, onde Heitor Alves funda sozinho um jornal modernista que, se não consegue entender bem o movimento, ao menos sinaliza essa intenção. O crítico elogia o ato:

Quem como eu publica um jornaleco às vezes é surpreendido por uma carta das profundas de Goiás por exemplo em que o remetente disserta sobre Max Jacob e manda uma poesia onde ao menos vale a intenção. O que talvez não seja um bem (porque desse jeito a coisa vira moda) mas sempre pode trazer umas revelações boas e até ótimas. Vejam Cataguases.<sup>14</sup>

Em um dos anúncios reproduzidos na revista por conta da exposição de Tarsila do Amaral no Rio de Janeiro, diz-se que a artista é “filiada ao [triumfante] movimento antropofágico, que há meses se irradiou de São Paulo para todo o Brasil”<sup>15</sup>. Heitor Marçal, respondendo a uma carta que faz referência a *Maracajá* e pede ao autor “coisas do norte”, diz que lá também ocorre “a renovação” e que “todos os antropófagos do Ceará estão de boa boca”<sup>16</sup>. Em outra ocasião, propagandea-se que, no Rio Grande do Sul, o jornal *O tempo*, “o diário de maior circulação da cidade de Rio Grande”, aderiu ao movimento antropofágico, que se alastrava, “e já não era tempo”<sup>17</sup>. João Calazans é apresentado como “Do clube de Antropofagia do Espírito Santo” e, em *De antropofagia*, comenta-se da “eclosão desse admirável movimento brasileiro, triunfante desde o começo, em todos os recantos, ainda os mais remotos do país”<sup>18</sup>. Outro número publica uma carta de Mario Vilhena, de Passa Quatro, sul de Minas Gerais, em que este pede “com

---

<sup>13</sup> SARASATE, P.. Tocando na mesma imbuia. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, n. p. 12, n. 15, 19 jul. 1929.

<sup>14</sup> MACHADO, A. A.. 1 crítico e 1 poeta. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 9, p. 4, jan. 1929.

<sup>15</sup> A EXPOSIÇÃO de Tarsila do Amaral, no “Palace Hotel”. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, n. 15, p. 10, 1 ago. 1929.

<sup>16</sup> MARÇAL, Heitor. Carta a um antropófago de São Paulo. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, n. 15, p. 10, 1 ago. 1929.

<sup>17</sup> A REPERCUSSÃO no Rio Grande do Sul. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, p. 12, n. 15, 19 jul. 1929.

<sup>18</sup> TAMANDARÉ. De antropofagia. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, p. 18, n. 14, 11 jul. 1929.



urgência os dois últimos números da ‘revista’”, pois “nas quartas-feiras o ‘Diário’ se esgota pelo caminho. Não chega até aqui”<sup>19</sup>.

No décimo segundo número, publicam-se cartas de diversos autores, de distintas partes do país, todos comentando sobre a adesão à Antropofagia. Silvino Olavo, da Paraíba, diz estar “simpatizando danadamente com a Antropofagia”. Nelson Porto, de “Uberabinha”, pede que mandem “todos os trabalhos antropofágicos, porque *Lavoura e Comércio* de Uberaba vai ser diário e o seu diretor, meu amigo Quintiliano Jardim está com as melhores simpatias para acolher esse movimento de novas verdades”. Renato Soldon avisa da fundação da “‘Tribo Cearense de Antropofagia’ sociedade de gente de letras que deglutirá brevemente o passadismo balainado e missangueiro da gleba dirigida pelo Zépeixoto”. Heitor Alves, de Itanhandu, Sul de Minas, diz: “nós aqui do Ginásio fundamos uma tribo para agitar a meninada. E não podia ser de outra maneira. Antropofagia no tempo e no espaço”<sup>20</sup>. Plínio Melo escreve do Rio Grande do Sul, dizendo: “Aqui em Porto Alegre a antropofagia está sendo assunto obrigado nos cafés e na hora da livraria”<sup>21</sup>. Genoíno de Castro mostra a expansão da Antropofagia pelo país:

Desde o Amazonas ao Prata, desde o Rio Grande ao Pará, o movimento antropofágico repercute com uma intensidade jamais alcançada por nenhum movimento anterior. Pela primeira vez, as forças jovens do Brasil se reúnem e, solidárias, reagem contra a mentalidade colonial, contra a cultura de importação, contra a falsa literatura, contra a falsa arte, arrasando velhos preconceitos, destruindo igrejinhas de convencionalismo social e elogio mútuo literário, devorando com gosto a goles de cauim o imigrante inadaptável.<sup>22</sup>

E segue citando jornais que aderiram à proposta: em Belém, *O Estado do Pará*; em Fortaleza, *O povo*, *O Ceará* e *Maracajá*; no Rio Grande do Norte, *A República*; em Pernambuco, *O Jornal do Comércio*; na Bahia, *Arvo e Flexa*; no Espírito Santo, *O Diário da Manhã*; no Rio de Janeiro, *O Jornal*, *O Diário Carioca* e *O país*; em Minas Gerais, o *Correio Mineiro* e *Leite Criolo*. Conclui: “E hoje que o movimento antropofágico é uma vitória bonita da alegria nacional (...). As adesões vêm de todos os lados. O fascismo literário põe o rabo entre as pernas. Já estamos cansados de devorar tanto idiota”<sup>23</sup>. A revista noticia, portanto, sua expansão pelo país e afirma seu desejo de não se limitar ao território paulistano já que seu caráter nacional deve sobrepor-se às fronteiras regionais.

---

<sup>19</sup> DE PASSA Quatro (Sul de Minas). *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, p. 10, n. 11, 19 jun. 1929.

<sup>20</sup> DA C. P. 1269. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, p. 12, n. 12, 26 jun. 1929.

<sup>21</sup> DO RIO Grande do Sul. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª dentição, p. 10. n. 10, 12 jun. 1929.

<sup>22</sup> CASTRO, Genuíno de. Desde o Rio Grande ao Pará: o movimento antropofágico repercute por todo o Brasil, empolgando os espíritos jovens, na luta contra a mentalidade colonial e contra a arte e a literatura de contrabando. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, n. 13, 04 jul. 1929.

<sup>23</sup> \_\_\_\_\_. Desde o Rio Grande ao Pará...



Há, de fato, vários jornais e revistas que noticiam a aparição dos novos lançamentos da revista por meio de súmulas, reproduzem artigos, comentam sobre o ideal antropofágico e também fazem críticas a ele. Além das publicações citadas na própria *Antropófaga* (como é denominada por alguns modernistas), encontram-se artigos sobre a mesma no *Diário Nacional*, *Correio Paulistano*, *A Gazeta* (os três em São Paulo), *O Imparcial*, *órgão de vanguarda universitária*, *A Manhã*, *Para Todos*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *A.B.C.*, *Gazeta de Notícias*, *O Malho*, *Movimento Brasileiro*, *A Cruz* (todos no Rio de Janeiro), *O Dia*, *Ilustração Paranaense*, *Diário da Tarde* (em Curitiba), *Diário de Pernambuco* (Recife), *O Imparcial* (São Luis do Maranhão) e *Jornal do Comércio* (Manaus). É interessante notar a preocupação da *Revista de Antropofagia* em noticiar sua ressonância em outros órgãos da imprensa nacional. Ela dedica grande espaço na segunda dentição para mostrar sua difusão pelo território do país, não apenas pela vontade de expandir suas ideias e obter o apoio de intelectuais brasileiros mas também como uma espécie de compensação pela saída de apoiadores diversos à causa antropofágica, como Antônio Alcântara Machado, Mário de Andrade, Paulo Prado, Carlos Drummond de Andrade e outros.

As adesões à Antropofagia não se dão, contudo, sem conflitos. Em cartas trocadas entre modernistas, é possível perceber que nem todos os que a revista propagandeia como aderentes são, de fato, pareados com as ideias do grupo. Em primeiro de maio de 1929, por exemplo, é publicado um texto de Acquiles Vivacqua que diz-se ser “Da Sucursal da Antropofagia em Minas Gerais (Lagoa Santa)”, o que faz referência à revista *Leite Criólo*. Entretanto, Guilhermino César tenta desfazer o mal entendido em relação à participação dele e dos colaboradores de *Leite Criólo* na *Revista de Antropofagia*, pois os rapazes ligados a essa revista, assim como os ligados à *Verde* (de Cataguases, também Minas Gerais), na contenda entre Oswald de Andrade e Mário de Andrade, se posicionam em favor do segundo. O fato de um órgão da imprensa noticiar a aparição de mais um número da *Antropófaga* ou de reproduzir um texto saído nela não significa necessariamente adesão, mas talvez um acompanhamento do que ocorre na cena literária brasileira. Com as desavenças entre Oswald de Andrade, Oswald Costa e os antigos colaboradores, muitos intelectuais tentarão se desvencilhar dos contatos com os antropófagos.

A *Revista de Antropofagia* possui, portanto, tanto um espaço concreto quanto um imaginário, onde quer se localizar idealmente. Além de desejar ser lida no Brasil, a publicação quer estender seu projeto além das fronteiras nacionais. Ela não ignora o que ocorre em outros países americanos e discute assuntos tais como o pacto Kellogg<sup>24</sup>, duramente ridicularizado por Alcântara Machado, que o considera hipocrisia, “obra prima de cinismo e falsidade” e insiste que

---

<sup>24</sup> Tratado internacional de 1928 que estipulava a renúncia à guerra como instrumento de política nacional, de autoria do secretário de Estado estadunidense Frank B. Kellogg e do ministro francês das relações exteriores Aristide Briand.



o país se acautele contra essa “pagodeira” e “pouca vergonha”, admitindo que “deglutido o pacto Kellogg, atacaremos a pombinha da paz”<sup>25</sup>. Há menção sobre as atitudes ambíguas do Brasil quanto à política da Herbert Hoover, presidente dos EUA, cuja campanha política é uma espécie de pescaria, em que os peixes ou “tubarões” (países latino americanos como o Brasil) não deixam de morder a isca: “O pessoal todo já abriu a boca esperando as comidinhas irresistíveis: pan-americanismo, fraternidade continental, a América dos americanos”<sup>26</sup>. Outro exemplo é o conflito em torno do Chaco, disputado por Bolívia e Paraguai, em que a solução final é decidida pelos norte-americanos: “só depois que o pessoal da América se decidiu a intervir é que as coisas tomaram melhor rumo. À voz da casa os briguentos cruzaram os braços. E tudo parece acabar em santa paz. Assim está certo. Com a intromissão da Europa estava errado”<sup>27</sup>. No caso da polémica sobre a atribuição a Madri de Meridiano Cultural da América, proposta pelo autor espanhol Guillermo del Torre no jornal madrileno *La Gaceta Literária* e negada por quase todos os intelectuais hispano-americanos<sup>28</sup>, o autor da proposta passa a ser chamado de Guilherme da Torre de Marfim. Oswald de Andrade, em entrevista a *O jornal*, em maio de 1928, afirma sua pretensão em não se localizar nacionalmente. Diz:

Nós não somos, nem queremos ser, brasileiros, nesse sentido político-internacional: brasileiros-portugueses, aqui nascidos, e que, um dia, se insurgiram contra seus próprios pais. Não. Nós somos americanos; filhos do continente América; carne e inteligência a serviço da alma da gleba.<sup>29</sup>

A ambição ainda maior manifesta-se na vontade da revista em expandir sua teoria de forma universal. Isso pode ser visto, por exemplo, em algumas passagens do *Manifesto Antropófago*, que se utiliza de frases curtas e sintáticas e de uma linguagem moderna, metafórica e poética, no intuito de proclamar sua doutrina como “única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.” O caráter universal da proposta é proclamado, ainda que esteja aplicado, originalmente, à realidade brasileira. A Antropofagia realiza uma inversão da tradicional relação colonizador/colonizado. O bom selvagem rousseauiano, cuja imagem foi desde o romantismo decalcada à realidade brasileira como significado de passividade, é substituído pelo mau selvagem, antropófago, forte e vingativo, que devora o europeu, seu polo antagônico, com vistas a criar uma cultura mais forte e livre de recalques. A revolução Caraíba é maior que a Revolução Francesa, marco inquestionável

<sup>25</sup> MACHADO, A. A. Pacto do dia. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 5, p. 1, set. 1928.

<sup>26</sup> MACHADO, A. A. Pescaria. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n.8, p. 1, dez. 1928.

<sup>27</sup> MACHADO, A. A.. Chaco. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 9, p. 1, jan. 1928.

<sup>28</sup> Sobre a polémica, ver, dentre outros: CROCE, Marcela (Comp.). *Polémicas intelectuales en América Latina: del “meridiano intelectual” al caso Padilha (1927-1971)*. Buenos Aires: Ediciones Simurg, 2006.

<sup>29</sup> NOVA escola literária...



da história europeia e a América trata-se do continente do futuro: “A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls”. O *Manifesto* privilegia dimensões revolucionárias e utópicas na afirmação da nacionalidade e resume o impasse sobre a nacionalidade: “Tupi or not tupi that is the question.” A paródia transforma um drama considerado universal num dilema brasileiro e realiza também o caminho inverso, como se a discussão sobre a nacionalidade no Brasil fosse tão universal como a célebre dúvida hamletiana.

A revista quer fazer parte da literatura universal, expandindo seus ideais para além do território brasileiro, mas não é fácil determinar se ela logra seu intento. Não é possível saber se ela realmente ultrapassa as fronteiras nacionais, sendo lida no restante da América e na Europa. Patrícia Artundo esclarece sobre a existência de seus três primeiros números no arquivo documental do artista argentino Xul Solar, que possivelmente os teria recebido através de Oswald de Andrade ou de Alcântara Machado que, por sua vez, havia convidado Xul, por carta, a participar da revista.<sup>30</sup> Oswald de Andrade publica, no número seis, um autógrafo de Max Jacob, representante do surrealismo europeu e, no oitavo número, outro do indiano J. Krishnamurti<sup>31</sup>, dedicatórias que marcam um reconhecimento do papel desempenhado pela revista fora do Brasil e possíveis indícios de que ela foi lida na Europa. Mas é difícil fazer essa afirmação, principalmente por se tratar de uma publicação em português (há alguns textos em francês nela), língua de provável pouca fluência na Europa e mesmo na América.

### Caráter coletivo

Raul Bopp, em suas memórias, lembra que o surgimento da *Antropofagia* ocorre durante um jantar, em 1928. Segundo ele, um grupo de amigos ligados ao modernismo reúne-se em um restaurante de São Paulo, escolhe rãs do cardápio e passa a discutir sobre a evolução da espécie humana, chegando à conclusão de que “a linha da evolução biológica do homem, na sua longa fase pré-antropóide, passava pela rã”. Bopp rememora: “A tese, com um forte tempero de blague, tomou amplitude. Deu lugar a um jogo divertido de ideias. Citou-se logo o velho Hans Staden e outros estudiosos da Antropofagia: ‘Lá vem a nossa comida pulando’”<sup>32</sup>.

Encontros, leituras públicas, reuniões e recitais fazem parte da dinâmica em torno da criação e manutenção da revista. Na segunda dentição, por exemplo, destaca-se o almoço dedicado a Abelardo Pinto, o Piolim. O caráter coletivo manifesta-se, no entanto, mais

---

<sup>30</sup> In: ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2004.

<sup>31</sup> O autógrafo diz: “Happiness is the freedom from the joke of experience.”

<sup>32</sup> BOPP, R. *Vida e morte da Antropofagia*. p. 41.



explicitamente, na heterogeneidade dos textos expostos, espécie de bricolagem autorizada do que os colaboradores entendem por antropofagia. A revista é um espaço de circulação, articulação e interseção de discursos, o que se faz por meio de tensões e ajustes. Além disso, suas margens são mais fluidas se comparadas aos livros, por exemplo, por encerram em si não apenas uma série de remissões a outras obras e autores<sup>33</sup> mas também excertos de obras. Encontram-se ali trechos de outros livros, tal como parte do primeiro capítulo de *Macunaíma um herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, e partes do livro *Os três sargentos*, de Yan de Almeida Prado, além de poemas que se publicam e se publicarão em livros. Elar reúne textos que se entrecruzam e fragmentos de obras.

Na primeira dentição, a heterogeneidade de discursos sobre o significado da antropofagia não permite um aprofundamento do conceito. Algumas interpretações estão, inclusive, em contradição com a linha mestra do programa, explícita no *Manifesto Antropófago*. Os colaboradores e suas ideias são os mais variados. A revista, nessa fase, segundo Augusto de Campos, é “marcada por uma consciência ingênua”. Oswald encontra-se quase sozinho e “nos dez primeiros números, o único texto que se identificava plenamente com as ideias revolucionárias do manifesto era A ‘Descida’ Antropófaga, artigo assinado por Oswald Costa”<sup>34</sup>. Campos reconhece a importância de outros textos, como o fragmento de *Macunaíma*, o radical *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, *Sucessão de São Pedro*, de Ascenso Ferreira, *Noturno da rua da Lapa*, de Manuel Bandeira, *República*, de Murilo Mendes, entre outros. Esses textos estão entremeados, contudo, com outros de Plínio Salgado e Yan de Almeida Prado “sem aparente indigestão” ou de Peryllo D’oliveira e Augusto Frederico Schmidt. Alcântara Machado faz elogio da obra de Menotti del Picchia e, mesmo Oswald de Andrade, em entrevista dada para *O jornal*<sup>35</sup>, elogia Plínio Salgado e Tristão de Ataíde, futuros rivais do grupo.

A partir do quinto número, o caráter iconoclasta e satírico da revista começa a despontar, dando já mostras do posterior desenvolvimento da proposta. Um dos exemplos é o aviso publicado na primeira página do número sete, de novembro de 1928:

#### SAIBAM QUANTOS

---

<sup>33</sup> A dificuldade na definição de um livro ou uma obra (literária, por exemplo) foi debatida por Michel Foucault em *A arqueologia do saber*. O autor questiona a delimitação de um livro, exemplificando a aplicação do conceito, por exemplo, a uma “coletânea de fragmentos póstumos”, concluindo que a “unidade material do volume” pode ser considerada “uma unidade fraca, acessória, em relação à unidade discursiva a que ela dá apoio”. Também as margens de um livro jamais “são nítidas nem rigorosamente determinadas”, estando ele preso “em um sistema de remissões a outros livros, outros textos e outras frases”. No caso da determinação de uma obra, o ato “supõe um certo número de escolhas difíceis de serem justificadas ou mesmo formuladas”, o que dificulta ainda mais a determinação do conceito. In: FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 26.

<sup>34</sup> CAMPOS, Augusto de. Revistas re-vistas: os antropófagos.

<sup>35</sup> NOVA escola literária...



Certifico a pedido verbal de pessoa interessada que o meu parente Mário de Andrade é o pior crítico do mundo mas o melhor poeta dos Estados Desunidos do Brasil. De que dou esperança, João Miramar.<sup>36</sup>

Nesse período, Oswald de Andrade volta da Europa, onde estava apoiando a exposição de pinturas de sua companheira, Tarsila do Amaral. Ao que parece, ele participa pouco dos primeiros números, tendo sua volta estreita relação com o radicalismo que a revista vai apresentar na segunda dentição. Segundo Maria Eugênia Boaventura,

Quando Oswald decidiu levar à frente a segunda fase da revista não contava com a colaboração dos paulistas identificados com o Partido Democrático, principalmente Antônio Alcântara Machado e Mário de Andrade. Oswald refez a revista no Diário de São Paulo, (apesar de este ser um jornal de oposição), cujo diretor, Rubens do Amaral, inicialmente não via como a literatura antropofágica pudesse atrapalhar a política geral.<sup>37</sup>

Iniciam-se, então, críticas e ataques agressivos a literatos e artistas modernistas<sup>38</sup>, muitos dos quais haviam participado na fase anterior. Oswaldo Costa, sob o pseudônimo de Tamandaré, tece uma ladainha de críticas a diversos escritores modernistas, tais como Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Paulo Prado<sup>39</sup>, Augusto Frederico Schmidt, Alberto de Oliveira, Oswaldo Teixeira, Graça Aranha, Tristão de Ataíde, Tasso da Silveira, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Cândido Mota Filho, Plínio Salgado, Ribeiro Couto e ao próprio Antônio de Alcântara Machado.

Os casos de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade repercutem com seriedade. O primeiro publica, em 1928, *Macunaíma*, que imediatamente é cooptado pelo grupo antropófago através das falas de Oswald de Andrade, Alcântara Machado e Oswaldo Costa. O primeiro considera que Mário escreveu a “nossa Odisseia e criou numa tacapada o herói cíclico e por cinquenta anos o idioma poético nacional”, ao escrever “a maior obra nacional”<sup>40</sup>. O segundo avalia o livro como bom e oportuno, já que chega para “por no seu devido lugar a famigerada brasilidade, através da qual correm muados e errados desde muitos anos os escritores deste Brasil tão imenso mas tão arraial ainda”. Ele tem “tanta moleza, tanta semvergonhice, tanta bazófia bem nossas e talvez só nossas”, o que faz com que mereça o título de “Rapsódia nacional (como o bem rolado) de lendas, de anedotas, de cheiros, de tudo. A língua, então, é a mais poética

---

<sup>36</sup> MIRAMAR, J.. Saibam quantos. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 7, p. 1, nov., 1928.

<sup>37</sup> BOAVENTURA, M. E.. *O salão e a selva...* p. 135.

<sup>38</sup> Gilberto Ferraz conta que Yan de Almeida Prado processou a revista por calúnia. In: BOAVENTURA, M. E.. *A vanguarda antropofágica...* p. 207.

<sup>39</sup> Paulo Prado era bastante amigo de Oswald de Andrade e quando leu as críticas feitas ao seu livro *Retrato do Brasil*, rompeu definitivamente com ele.

<sup>40</sup> ANDRADE, O.. Shema ao Tristão de Ataíde...



possível. Parece uma música. O violão sempre acompanhando”<sup>41</sup>. Mário, por seu turno, é considerado “brasileiro, ainda que não queira”. Oswald Costa concorda com todos os elogios anteriores e acrescenta outros do mesmo teor.

Apesar de todos os elogios à obra e ao autor, Mário de Andrade passa, contudo, a ser duramente criticado, considerado “o cérebro mais confuso da crítica contemporânea” e, na segunda dentição, acaba rebaixado, de autor de *Macunaíma* a mero inventor de sua capa, tendo apenas compilado uma série de lendas amazônicas. Drummond sai em defesa do amigo e também é surrado, manifestando depois a opinião de que “um poema não vale uma boa amizade”. O ataque aos escritores faz avançar o rompimento destes com o grupo. Maria Eugênia Boaventura resume a briga entre Mário e Oswald a uma disputa por liderança: “por trás das agressões mútuas afluía de fato o desejo narcísico de definir o condutor do Modernismo”<sup>42</sup>.

Os escândalos, típicos da vanguarda, são sentidos com profundidade na *Revista de Antropofagia*, especialmente em sua segunda dentição. Nesse momento, a contundência do projeto antropófago destrói a chamada “festa modernista”, de colaboração heterogênea de autores. O caráter coletivo não se mantém sem conflitos. Ao contrário, eles agudizam-se e o radicalismo não deixa margem para meias ações, tratando-se de uma espécie de “ou tudo ou nada”. Um aspecto interessante da segunda dentição é o aparecimento de um grande número de pseudônimos (o que praticamente não ocorre na primeira fase), o que pode indicar desde um mascaramento na diminuição de autores, já que muitos abandonam o projeto, até a ideia de que textos não assinados (ou assinados com pseudônimos) representam a ideia do grupo e não a de um autor específico. Eles podem também, obviamente, servir para encobrir, proteger e dar liberdade aos colaboradores, dado o radicalismo de suas contribuições.

### Intervenção no tempo presente

Uma das características que ajudam que as revistas sejam, atualmente, retiradas de um papel secundário dentro do *corpus* da literatura, ocupando não mais uma posição de inferioridade frente aos livros – formas consagradas da produção literária – é o tipo de intervenção que realizam. As revistas estão, segundo Regina Crespo, em um “lugar intermedio entre la trascendencia de los libros y la transitoriedad de los periódicos”<sup>43</sup>. Enquanto os primeiros atuam na esfera do médio e do longo prazo e os jornais diários trabalham na imediatez dos acontecimentos, as revistas podem realizar um debate, ao mesmo tempo, dinâmico e profundo.

<sup>41</sup> MACHADO, A. A. Um poeta e um prosador. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 5, p. 4, set. 1928.

<sup>42</sup> BOAVENTURA, M. E.. *O salão e a selva...* p. 140.

<sup>43</sup> CRESPO, R.. *Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación*. p. 2.



Menos sometido al inmediatismo de las noticias, los editores de las revistas reservan a los temas y hechos de que van a tratar un tiempo de elaboración más largo y un espacio material (número de columnas o páginas) eventualmente más amplio. Eso lleva a que pongan más énfasis en la reflexión e implica la creación de textos en principio más analíticos y de autor.<sup>44</sup>

Trata-se da possibilidade de agir de forma eficaz frente a uma problemática específica. Os colaboradores de uma revista podem agir de forma dinâmica, o que as torna instrumentos culturais mais democráticos se comparadas à cultura livresca. Novamente utilizamos Crespo, que diz:

Los periódicos, los suplementos y, en menor escala, las revistas se asocian a lo inmediato y a lo transitorio, situación que, en contrapartida, les permite establecer un compromiso mucho más incisivo con su propia conjuntura y, en cierto sentido, les ofrece la posibilidad de actuar sobre ella.<sup>45</sup>

A intervenção no presente que a *Revista de Antropofagia* realiza é um dos seus marcos e uma das suas maiores vantagens. A periodicidade mensal permite a leitura e um tempo suficiente para a elaboração de respostas. Quando passa a ser lançada semanalmente, o debate torna-se ainda mais acalorado e a atualização sobre o que está ocorrendo segue em andamento acelerado. É preciso agir imediatamente pois, na semana seguinte, o assunto poderá perder o sentido. Nesse momento, contribuições de autores da fase anterior são recusadas por se reconhecer um descompasso nas interpretações sobre o teor da proposta. Por estar voltada para um público capaz de acompanhar as tendências vanguardistas em suas constantes e rápidas mudanças, seus colaboradores e leitores são obrigados a uma atualização contínua, no intuito de estar sempre na posição de vanguarda, à frente do movimento modernista. A ideia de presente serve, nesse sentido, como justificativa para a adoção de uma literatura atualizada e, dessa forma, nada mais adequado que a atuação do modernismo, que diz fazer uso de técnicas e temas contemporâneos.

O presente não diz respeito apenas, contudo, à atualização em termo de forma e conteúdo. Os antropófagos agem, nesse tempo, de forma semelhante ao que Angel Castiñeira denomina “momento do compromisso”<sup>46</sup>. Trata-se da ocasião de trabalhar para criar no país a nacionalidade. Todo o esforço por trás da revista visa traçar um discurso autorizado sobre a cultura do Brasil, transformando-a em cultura nacional. A literatura antropófaga apresenta-se como um marco inaugurador de uma nova temporalidade, dessa vez uma temporalidade da

---

<sup>44</sup> \_\_\_\_\_, *Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación*. p. 2.

<sup>45</sup> CRESPO, R., *Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación*. p. 1.

<sup>46</sup> CASTIÑEIRA, Angel. Naciones imaginadas, identidad personal, identidad nacional y lugares de memoria. In: RESINA, Joan Ramon.; WINTER, Ulrich. *Casa encantada: lugares de memoria en la España constitucional (1978-2004)*. Frankfurt am Main: Veuert, 2005.



nação, atribuindo a si própria a criação de um tempo fundacional. No presente ocorre a ação do grupo antropófago, ou seja, é escrita sua narrativa. O trabalho empreendido para dotar o país de uma cultura verdadeiramente nacional, livre da dependência a qual manifestara desde o momento fundacional, é legitimado também no e pelo presente. Os antropófagos afirmam que a literatura nacional está nascendo no momento presente: “Literatura que não é bem literatura. Porque ainda está se criando. Mas que triunfará gloriosamente. Desabrochando do astacal com um cheiro de coisa boa. (...) Brasileira como o Brasil que nós queremos”<sup>47</sup>.

Trata-se de uma intervenção na esfera pública a partir do discurso intelectual o que mostra o vínculo entre a vanguarda política e a artística. Diz Roxana Patiño:

Uma revista, mesmo a mais elitista, se define pelo seu caráter e vontade de intervenção pública, qualidade que remete ao nascimento do jornalismo e da própria opinião pública. (...) Se seu espaço é a esfera pública, seu tempo, por excelência, é o presente. A revista intervém para deixar sua marca no presente, não está interessada no futuro como o livro.<sup>48</sup>

O caráter relativamente imediatista do periódico proporciona a manutenção de um estado constante de negociação, com tensões e relocalizações. A imediatez relativa gera teorias que não se manterão no futuro, o que, no presente das negociações, não pode ser determinado, diferenciando as revistas dos livros onde, aparentemente, os conflitos já foram resolvidos.

### **Ilustração e aspectos gráficos**

Não há um investimento muito profundo, na Antropófaga, com relação à ilustração. A revista não apresenta vinhetas nem varia significativamente o formato de letras, títulos, subtítulos ou outros aspectos relativos à sua apresentação. A partir da correspondência trocada entre Antônio Alcântara Machado e colaboradores da revista *Verde*, de Cataguases, é possível perceber que se trata, provavelmente, de uma opção feita por este autor, que defende, em relação à revista mineira, que ela seja simples, sem muitos detalhes tipográficos ou traços para fazer divisões.<sup>49</sup> A decisão tomada em relação à publicação paulista pode ter ocorrido também pelos mesmos motivos. A linguagem tipográfica é conservadora se comparada, por exemplo, à primeira modernista *Klaxon*. Não há cores e a revista é desprovida de uma capa propriamente dita, no

---

<sup>47</sup> SARASATE, P.. Tocando na mesma imbuia...

<sup>48</sup> PATIÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, E; MARQUES, R. (org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 461.

<sup>49</sup> Citado por LIMA, Yone Soares. *A ilustração na produção literária: São Paulo, década de vinte*. São Paulo: IEB, USP, 1985. p. 75.



sentido de invólucro, lembrando “mais um pequeno jornal a partir de seu próprio frontispício, que acompanhava a mesma fatura tipográfica (papel, apresentação e diagramação)”<sup>50</sup>.

Também não há investimento em relação à exposição de imagens, havendo apenas quinze figuras em todas as suas páginas (sete de Tarsila do Amaral, três de Pagu e outras de Cícero Dias, Rosário Fusco, Di Cavalcanti, Antonio Gomide e María Clemencia). Os artistas que tem desenhos reproduzidos são também parte da vanguarda artística do Brasil, havendo apenas a contribuição de uma estrangeira, a argentina María Clemencia López-Pombo.

Um dos aspectos mais interessantes sobre as imagens reproduzidas na revista diz respeito à estreita relação entre a proposta literária e a proposta estética da obra de Tarsila do Amaral, companheira de Oswald de Andrade no período. Algum tempo depois do jantar em que a ideia sobre a Antropofagia surge, segundo Raul Bopp, Tarsila do Amaral pinta um quadro em que aparece uma grande figura, de pés e mãos enormes e cabeça diminuta, com um cacto e uma flor ao fundo. O quadro é um presente para Oswald de Andrade por ocasião de seu aniversário, em janeiro de 1928. Oswald e Bopp examinam a tela e acham-na tão impressionante que recorrem ao dicionário de tupi-guarani de Montoya e batizam-na de *Abaporu* (aba: homem; poru: que come), nascendo daí a relação da pintura de Tarsila com a proposta literária antropofágica. Oswald propõe, então, “desencadear um movimento de reação genuinamente brasileiro”, redige o *Manifesto Antropófago*, o qual, segundo Bopp, “conduzia a um Brasil mais profundo, de valores ainda indecifrados”, e cria a revista.

Oswald de Andrade admite várias vezes a influência da pintura de Tarsila no projeto antropofágico. Em entrevista para *O Estado de Minas*, em 13 de maio de 1928, o autor reconhece: “Foi talvez na pintura bárbara de Tarsila que eu achei essa expressão. Sob um tom de paradoxo e violência, a Antropofagia poderá quem sabe dar à própria Europa a solução do caminho ansioso em que ela se debate”<sup>51</sup>. Desde o início da década de 1920, Tarsila passa a relacionar a aprendizagem sobre arte moderna que recebe na Europa com o universo brasileiro. São exemplos de pinturas que realizam essa fusão de técnica e assunto em sua pintura: *A Negra*, de 1923; *Carnaval em Madureira*, de 1924; *O Pescador*, de 1925; *A Lua*, de 1928; *Floresta*, de 1929; e *Sol Poente*, de 1929.

Um desenho do *Abaporu* é reproduzido no primeiro número da *Revista de Antropofagia*, entremeado pelo *Manifesto Antropófago*, o que demonstra, mais uma vez, a íntima relação entre proposta estética e literária. Depois, no primeiro número da segunda edição, exibe-se um

---

<sup>50</sup> \_\_\_\_\_. *A ilustração na produção literária: São Paulo, década de vinte*. p. 75.

<sup>51</sup> ANDRADE, Oswald. Contra os “emboabas”. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 de maio de 1928. In: BOAVENTURA, M. E.. *Os dentes do dragão...* p. 41.



desenho da artista semelhante ao *Abaporu*, mas posicionado do lado direito da tela. No número 16, de 24 de abril de 1929, vê-se um desenho de Tarsila unindo as duas imagens (*Abaporu* e *A Negra*). Por fim, depois de publicar outros desenhos de Tarsila, a revista reproduz o quadro *Antropofagia*, acompanhado de legenda esclarecedora, “quadro número 1 do catálogo da exposição de Tarsila”, ocorrida em Paris, em 1929.

É possível dizer que Tarsila transpõe para a tela a discussão a respeito da fusão étnica presente na sociedade brasileira. Conforme a apreciação de Aracy Amaral, o quadro *Antropofagia* remete para uma “fusão harmoniosa das duas figuras” em que “entre o fundo, cuja referência ao *Abaporu* é bem evidente, no cacto e sol, e o primeiro plano Tarsila interpõe a folha de bananeira presente em *A Negra*, desta vez mais naturalista, sem a preocupação da estilização geometrizzante”<sup>52</sup>. Tal mistura de dois quadros em outro, intitulado *Antropofagia*, pode apontar não apenas para o reconhecimento, pela pintora, do negro no processo de devoração antropofágica, como também para a mistura de elementos étnicos, característica do movimento pretendido. A influência do primitivismo europeu concorre para que a etnia negra, assim como a indígena, seja associada a um estado mais próximo da natureza, dentro da dicotomia colonizador/nativo. Enquanto se questionam as pretensas civilização, racionalidade, decência e religiosidade do colonizador, também se abala o estereótipo que vê o nativo como bárbaro, irracional, inimigo da decência, supersticioso, vivente em um estado de escuridão, e aí se inclui, em menor grau, o negro.

Não se trata de coincidência que Oswald de Andrade tenha reconhecido a íntima ligação entre texto e contexto na segunda edição da *Revista de Antropofagia*. A radicalização proposta pelo autor, assim como na pintura de Tarsila, não se limita apenas ao conteúdo publicado. Assim como no formato da segunda edição, a fase antropofágica de Tarsila realiza uma fusão de elementos que se traduz no campo do conteúdo e também de sua apresentação. Daí o caos na diagramação. Sendo uma revista vanguardista, não apenas os conteúdos estão em constante mudança e modernização, mas também os elementos paratextuais confirmam e dão suporte aos elementos textuais.

### **Publicidade e promoção**

A *Revista de Antropofagia* investe, em suas páginas, em propaganda de produtos e na sua própria promoção. Desde a primeira edição ela exhibe anúncios, especialmente propaganda de livros, mas sem grandes atrativos gráficos e de forma conservadora e disciplinada. O estímulo

---

<sup>52</sup> AMARAL, Aracy Abreu. *Tarsila: sua obra e seu tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 251.



sobre compra e venda de livros se dá através de reclames informativos tradicionais e sucintos: “estão no prelo”, “a sair brevemente”, “este mês”, “brevemente”, “em todas livrarias”, “já saíram”, “está à venda”, “breve”, “vão sair”. Além disso, há apelos diretos aos leitores, através do imperativo “leiam”. Os atrativos geralmente usados são o nome do autor, o título do livro e sua forma ou gênero (se são versos, contos, poemas, história, romance, ensaio, crítica, folclore, estudo, coleção de modinhas). Outras informações são escassas, como referências sobre série, edição e preço. Exceções são *Laranja da China*, de Antônio Alcântara Machado, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, anunciados insistentemente nas edições de maio (“estão no prelo” e “a sair brevemente”), junho (“este mês”), até outubro, quando se divulga, finalmente, que os dois livros “já saíram”, constando o preço das obras<sup>53</sup>. Os anúncios estão em páginas específicas, quase exclusivamente as pares (apenas um exemplar não tem anúncios na segunda página), que podem ser pensadas como contracapas ou como páginas não tão visadas, dada a encadernação da revista. Apesar de não muito explorados tipograficamente, os anúncios, em sua maioria, ocupam espaço considerável nas páginas (às vezes meia página), apresentando um vazio grande ao seu redor, o que valoriza seu conteúdo.

As obras anunciadas são quase exclusivamente de autores modernistas. Num primeiro momento, quando o radicalismo não é tão contundente, é possível encontrar anúncios de livros dos mais diversos literatos, alguns dos quais, posteriormente, sofrerão duras críticas. Além disso, a revista anuncia que “publicará gratuitamente todo e qualquer anúncio de compra e venda de livros que lhe for oferecido”<sup>54</sup>, divulgando títulos a serem vendidos ou adquiridos por autores, livrarias, instituições e pela redação, através da seção “balcão”, localizada geralmente na última página.

---

<sup>53</sup> Talvez esse fosse um apelativo a mais por se tratar, ao menos no caso de *Macunaíma*, de uma edição de autor. No entanto, o anúncio do preço de obras não foi regra na revista, aspecto que pode estar relacionado, segundo Yone Soares de Lima, com a consciência da vanguarda em fazer lançamentos literários omitindo, “propositadamente, referências diretas ao valor pecuniário da obra”, já que “uma referência assim abertamente ‘comercial’ à obra literária, correria o risco de dar uma visão diminuída aos seus valores culturais”. In: LIMA, Y. S.. *A ilustração na produção literária: São Paulo, década de vinte*. p. 70.

<sup>54</sup> Dos livros que a revista faz propaganda estão, por ordem quantitativa: *Laranja da China*, de Antônio Alcântara Machado, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, ambos anunciados seis vezes. Depois deles, *República dos E. U. do Brasil*, de Menotti del Picchia é citado cinco vezes, juntamente com *Girahuz*, de Augusto Meyer. E seguem outros livros mencionados quatro vezes: *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo; *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado e; *Compêndio da História da Música*, de Mário de Andrade. Recebem três anúncios: *Antologia de quatro poetas mineiros*, de João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura e Pedro Nava; *Meia-Pataca*, de F. T. Peixoto e Guilhermino César; *Bagaceira*, de José Américo de Almeida; *Gado Chucro*, de Vargas Netto; *Ensaio sobre Música Brasileira*, de Mário de Andrade; *Estudos*, de Tristão de Ataíde; *Senajim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade; *Lira Paulistana*, de Antônio Alcântara Machado; e *Uma família essencialmente agrícola*, de Rubens de Moraes. Duas vezes são anunciados *O bandeirante na intimidade*, de Antônio Alcântara Machado e *Colônia Z e outros poemas*, de Rui Cirne Lima. Há uma lista bem grande de livros anunciados apenas uma vez, sendo eles: *Canto Brasileiro*, de Augusto Frederico Schmidt; *No galpão*, de Darcy Azambuja; *Poemas cronológicos*, de Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes; *Porace Tinguireasca*, de Odilon Negrão; *Festa de Negros*, de Octavio de Sá Barreto; *Rodeio de estrelas*, de Manuelito Ornelas; *A estrela do Absinto*, de Oswald de Andrade; *Substância*, de Manuel de Abreu e; *Fruta de Conde*, de Rosário Fusco.



Por fim, as próprias críticas literárias, em sua maioria assinadas por Antônio Alcântara Machado, realizam também a promoção de livros, dessa vez de uma forma mais sutil, num nível menos comercial e mais elevado e erudito. A crítica, como gênero de representação, pode contribuir eventualmente para a difusão cultural dos livros e dos autores que colaboram com a revista. Explica Yone de Lima:

A verdade é que a Revista de Antropofagia em sua primeira fase, menos afeita a valores visuais em anúncios do que suas congêneres, manteve a publicidade sobre a literatura quase sempre em padrões moderados e sem grandes destaques promocionais. Invariavelmente no rodapé, sem moldura ou filete tipográfico que os valorizasse visualmente, as referências aos livros eram muito mais relações de novos lançamentos do que propriamente reclames sobre os mesmos.<sup>55</sup>

Nessa fase, para além da divulgação propriamente literária, há poucos anúncios comerciais. Há apenas o da Empresa Gráfica Ltda., que provavelmente faz a impressão do periódico, e outro que avisa sobre o edital de um concurso promovido pela Sociedade Capistrano de Abreu, cujo tema é “O Rio São Francisco na História do Brasil”. Por fim, há um anúncio sobre cinema (“UFA, os filmes que assombram o mundo”), relativo a um representante de São Paulo que faz a distribuição dos filmes da companhia alemã *Universum Film AG*. A seção Brasileira, por seu turno, é a que mais se assemelha aos anti-anúncios da segunda denteição, reunindo “notícias de jornais, trechos de romances, discursos, cartões de boas festas, anúncios, circulares – textos ‘ready made’ que denunciam a amena poluição da imbecilidade através da linguagem cotidiana e convencional”<sup>56</sup>.

A revista faz ainda sua autopromoção, anunciando preço, formas de aquisição (“pedidos acompanhados de vale postal”, assinatura anual, compra na própria redação), endereço para contato (*Laranja da China* pode ser comprado através de pedidos para a “Caixa Postal n. 1269, São Paulo”, enquanto *Macunaíma* pode ser comprado diretamente no endereço de seu autor) e o conteúdo dos próximos números, com nome de autores e de livros. Oswald de Andrade, antes mesmo da aparição da revista, concede entrevistas a periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro com o intuito de preparar o público para seu lançamento. Antes da estreia é possível saber quando o periódico sairá à luz, quem serão os colaboradores e quais ideias serão debatidas.

Apesar de Maria Eugênia Boaventura argumentar que provavelmente a revista não é vendida nesse primeiro momento, circulando apenas entre conhecidos, os inúmeros exemplos de publicidade e promoção de obras, autores e da própria revista revelam uma preocupação em

<sup>55</sup> LIMA, Y. S.. *A ilustração na produção literária: São Paulo, década de vinte*. p. 75.

<sup>56</sup> CAMPOS, Augusto de. *Revistas re-vistas: os antropófagos...*



atrair leitores e dialogar com eles, o que não exclui a possibilidade de a revista ter sido realmente vendida. Há uma nota sobre a venda da revista na “casa Garraux”, em São Paulo, no *Diário Nacional*<sup>57</sup>, além de haver também indícios da comercialização da revista na correspondência de intelectuais modernistas do período.<sup>58</sup>

O que há mais comumente, entretanto, é o envio de exemplares pelos próprios intelectuais. Mário de Andrade remete um exemplar para Alceu Amoroso Lima em maio de 1928. Antônio Alcântara Machado expede exemplares a Prudente de Moraes Neto, em novembro do mesmo ano. Mário de Andrade recebe exemplares de Antônio Alcântara Machado. Rosário Fusco não obtém um exemplar de Antônio Alcântara Machado e reclama com Mário de Andrade, pedindo que este envie para ele, então, “pelo amor de Deus”. Mais tarde, o mesmo Rosário pede a Mário para lembrar Alcântara Machado da sua promessa de remeter “uma ou duas coleções novas da Antropófaga. Não custa nada, gente”<sup>59</sup>. Mesmo se tratando de um sistema de distribuição “amador” isso não impede, portanto, que a circulação tenha se dado tanto no Brasil como no exterior.

Há que se enfatizar a diferença entre comprar/fazer a assinatura da revista e receber um exemplar de presente. Ser presenteado com a revista significa fazer parte de um grupo ainda mais seleto de leitores, estimulado em sua leitura e colaboração pelos editores. Presentear a alguém com a revista significa contar com a adesão daquele indivíduo ao projeto antropofágico. Comprar ou assinar, por outro lado, remete ao desejo de participar das discussões, não sendo necessariamente bem-vindo.

Na segunda dentição, encontram-se propagandas comerciais não relacionadas à área literária ou artística, como anúncios de remédios e de creme dental.<sup>60</sup> Mais uma vez percebe-se que, assumindo a página de um órgão de comunicação de massa, a revista deve se submeter ao seu caráter comercial, sendo preciso deixar espaço para anúncios que propiciarão lucro à empresa. Os anunciantes, nesse sentido, são vitais para o *Diário de São Paulo*, que possuía também sua seção de classificados.

---

<sup>57</sup> REVISTA de Antropofagia. São Paulo, *Diário Nacional*, ano I, n 255, 8 maio 1928, p. 5.

<sup>58</sup> Em bilhete postal enviado para Prudente de Moraes Neto, de fevereiro de 1929, por exemplo, Mário de Andrade, que fazia uma viagem pelo nordeste do Brasil, diz não ter encontrado o número 9 da *Revista de Antropofagia* para comprar e que sequer o número 8 havia chegado ali. Diz: “O sujeito da casa Moura (rua d’Imperador) queixou-se. Previna o Rodrigo”. In: KOIFMAN, Georgina (org.). *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 288.

<sup>59</sup> MENEZES, Ana Lúcia G.. *Amizade cartedeira: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o grupo Verde de Cataguases*. São Paulo, USP, Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas, FFLCH, 2013.

<sup>60</sup> A Cafiaspirina, por exemplo, serve para acalmar a dor e para curar afecções reumáticas. Cerodont é uma cera contra dor de dente e cárie que também alivia o hálito. Vital Cur trata de doenças no fígado.



Na segunda dentição são fartos os antianúncios, propagandas ao contrário, em que o sentido sério é demolido, não havendo “nenhuma chance à publicidade séria da obra literária”<sup>61</sup>. No quarto número, a revista faz propaganda e esclarecimento sobre si mesma: “Leia sempre esta página que será a sua página – Experimente a sua inteligência”. Ainda no mesmo número: “Todos os escritos desta página são inéditos. Os que não são a gente avisa”<sup>62</sup>. No exemplar seguinte, a propaganda entremeia-se com a crítica ao escritor carioca Tristão de Ataíde: “BREVEMENTE suplemento da revista de antropofagia A HORDA órgão católico-comensal dedicado à defesa dos interesses Anna-tomistas diretor: Tristinho de Ataíde”<sup>63</sup>. No número sete sai outro, criticando outro modernista: “Brevemente MALDITO CLERO (tango) por Mário Pinto Serva”<sup>64</sup>. No oitavo número, há um artigo que não se presta a promover ninguém: “BREVE O livro de contos de um autor desconhecido deslumbrará o país. Lugar garantido e livre de constipações”<sup>65</sup>. As críticas aos modernistas seguem o mesmo tom: “BREVEMENTE Tasso da Silveira Alegria Procriadora (2ª Edição)”<sup>66</sup>, que, segundo Yone Soares de Lima, visa demolir o autor do livro *Alegria criadora*. No décimo número, há o famoso antianúncio contra Mário de Andrade: “Brevemente 2ª edição de MACUNAÍMA lendas indígenas com capa de Mário de Andrade”<sup>67</sup>. Os antianúncios são, portanto, momentos em que faz-se uso de formas específicas de publicidade transpostas para o contexto literário, o que as possibilita fazer troça ou dessacralizar autores, periódicos, obras e a própria revista ou, ainda, brincar ou caricaturar sem grandes intenções.

A *Revista de Antropofagia* é uma espécie de vitrine do movimento modernista e do que os colaboradores consideram literatura moderna, indicando a seus leitores o que deve ser lido e fazendo-se, portanto, de pedagoga do que é boa literatura. No entanto, mais do que instrumento de propaganda, ela é uma produção modernista em si, não inferior à publicação de obras literárias. Ela procura despertar no público o interesse pela sua leitura e, para isso, contribuem tanto o anúncio de obras e de grandes nomes de autores, quanto a crítica literária e a publicação de excertos de obras. Dizer-se atualizada também contribui para que seja procurada exatamente por leitores que acompanham a jornada vanguardista.

### **Término da publicação**

---

<sup>61</sup> LIMA, Y. S.. *A ilustração na produção literária: São Paulo, década de vinte*. p. 76.

<sup>62</sup> *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, n. 4, 7 abr. 1929.

<sup>63</sup> *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, p. 6, n. 5, 14 abr. 1929.

<sup>64</sup> SEÇÃO de pequenos anúncios. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, n. 7, 1 maio 1929.

<sup>65</sup> BREVE. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, p. 12, n. 8, 8 maio 1929.

<sup>66</sup> *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, p. 10, n. 9, 15 maio 1929.

<sup>67</sup> *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, p. 10, n. 10, 12 jun. 1929.



Não há um evento específico que determine o fim da *Revista de Antropofagia*. Pode-se apontar para, ao menos, três acontecimentos que influem sobremaneira para que ela acabe, explorados por Raul Bopp em suas memórias. O autor de *Cobra Norato* percebe de maneira bastante clara a associação entre o fim da publicação e seu radicalismo e agressividade, seus maiores méritos. É em virtude desse radicalismo, que zomba da Igreja Católica e faz apologia do divórcio, do amancebamento, da posse contra a propriedade e de uma série de estigmas sociais que se pode citar novamente a reação do diretor do *Diário de São Paulo*, contada por Bopp: “Rubens do Amaral perdeu a calma. Pediu para acabar definitivamente com a página. Cresciam as devoluções de jornais, em protesto contra as notas que se publicavam”<sup>68</sup>.

Podem-se acrescentar as contendas entre os próprios intelectuais modernistas no período. Antônio Alcântara Machado adiciona às informações de Bopp seu ponto de vista sobre a decisão de Rubens do Amaral, diretor do *Diário de São Paulo* em suspender o empreendimento. Em carta a Prudente de Moraes Neto, Machado expõe suas mágoas quanto ao afastamento da revista na sua segunda fase e a outros episódios que envolvem Mário de Andrade, Paulo Prado e outros.

E começou a tristeza escondida atrás de pseudônimo: o Costa e o Andrade começaram a injuriar ao Mário, ao Paulo Prado, a você e a mim, sobretudo. Paulo Prado indignado rompe com o Oswald. Logo depois Mário faz o mesmo. Guilherme de Almeida e Yan de Almeida Prado iniciam um processo por injúrias. Aí o Rubens caiu em si. Percebe (só então) que o Diário estava abrigando anônimos que se aproveitavam da situação para insultar colaboradores e amigos do próprio Diário e do O jornal. E os três acharam um tal Jaime Adour da Câmara o testa-de-ferro de que precisavam. Esse sujeito (que está para embarcar para a Finlândia) assume a responsabilidade do papelzinho. E a coisa continua mais comedida mas sempre torpe.<sup>69</sup>

Também o momento histórico contribui para o fim da publicação, uma vez que “se aproximava 1930, época de crise, de conflitos políticos e socioeconômicos agudos”<sup>70</sup>. Em 1929 ocorre a crise da bolsa de Nova Iorque, evento de repercussões mundiais que irá mudar sobremaneira a economia do Brasil e, mais especificamente, vai influenciar nos rendimentos financeiros do próprio Oswald de Andrade.

Também se pode fazer menção a questões de ordem pessoal sobre o fim da revista, relativas ao término do casamento de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral e o romance daquele autor com a jornalista, artista plástica e escritora Patrícia Galvão. Esta, apresentada no meio modernista pela própria Tarsila, contribui na revista com imagens e passa a atrair a atenção

<sup>68</sup> BOPP, R.. *Vida e morte da Antropofagia*. p. 44.

<sup>69</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *Intelectuais na encruzilhada. Correspondência de Alceu Amoroso Lima e Antônio Alcântara Machado (1927-1933)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 84.

<sup>70</sup> BOAVENTURA, M. E.. *A vanguarda antropofágica...* p. 56.



do autor de *Pau-Brasil*, que escreve uma nota sarcástica sobre o caso: “Se o lar de Tarsila vacila é por causa do angu de Pagu”. Oswald viaja com Pagu para a Bahia em 1930, quando já havia rompido com a companheira com a qual esteve por nove anos. Novamente Raul Bopp conta as memórias da Antropofagia:

Desprevenidamente, a libido entrou de mansinho no paraíso antropofágico. Ocorreu um *changé des dames* geral. Um tomou a mulher do outro. Oswald desapareceu. Foi viver o seu novo romance numa beira de praia, nas imediações de Santos. A reação emocional se processou em série, com vários desajustamentos de âmbito doméstico.<sup>71</sup>

O que ocorre, portanto, é uma junção de eventos que, conjuntamente, levam ao fim tanto a publicação quanto os projetos que extrapolavam o projeto editorial. Tais acontecimentos fazem com que todos esqueçam o congresso de Antropofagia (que se realizaria em Vitória, no Espírito Santo), a bibliotequinha e o calendário antropofágicos, o levantamento dos clássicos da Antropofagia, a análise do ‘grilo’ como conceito antropofágico, a edição de uma subgramática da língua brasileira, a tese do ‘mussungulá’ e do ‘berro’ (sistema de medidas de superfície), o exame da libido brasileira, entre outras iniciativas.

A Arca antropofágica encalhou em São Paulo, com esse material a bordo. Urubu foi ver se as águas já tinham baixado. Não voltou mais. Houve imprevistos na descida. Os planos de reação e renovação ficaram num deixar-estar ou acomodaram-se em variantes cosmopolitas. A experiência brasileira do grupo perdeu o seu significado inicial.<sup>72</sup>

## Reedições

Como último aspecto a ser analisado, é possível fazer algumas reflexões sobre a existência da reedição da *Revista de Antropofagia*, em formato facsímile. Algumas revistas modernistas foram reeditadas no Brasil: *Klaxon* recebeu uma reedição em 1976; *Terra roxa e outras terras* em 1977; *A revista, Verde e Arco e Flexa* em 1978; *Estética* em 1974; e a *Revista de Antropofagia* em 1975.

As reedições das revistas modernistas, todas na década de 1970, facilitam tanto o acesso às mesmas quanto seu estudo. Atualmente, os meios eletrônicos possibilitem o acesso muito mais rápido e conveniente a alguns exemplares. Há poucos exemplares originais e esses apresentam-se

---

<sup>71</sup> BOPP, R. *Vida e morte da Antropofagia*. p. 53.

<sup>72</sup> \_\_\_\_\_. *Vida e morte da Antropofagia*. p. 70.



em estado frágil e passível de decomposição se manipulados.<sup>73</sup> Perde-se, contudo, contato com o original e, mais do que isso, o acesso ao material compilado e organizado, inclusive com um prefácio explicando certas características, mostra o quanto é diferente a dinâmica da publicação no seu presente e sua existência já “acabada”.

Eduardo Gonzalez Lanuza, ao avaliar os significados da reedição da revista argentina *Martín Fierro*, apresenta algumas pistas sobre a questão da consagração, que podem em grande parte ser pensadas sobre a *Revista de Antropofagia*:

Aquellos ejemplares montaraces, doblados, desperdigados, cada uno de los cuales era el resultado de la superación de increíbles dificultades bien conocidas, de inciertísima prolongación en imprevisibles números posteriores, tienen muy poco de común con estos ordenados y bien planchados números (...), ya sin problematicidad alguna en cuanto a un futuro resuelto de una vez por todas. (...) La vivacidad del movimiento se ha cuajado en duro ademán del mármol, y lo que es más grave, la supuesta inmortalidad que éste acuerda, es a expensas de la auténtica vitalidad que destruye.<sup>74</sup>

Pode-se, além disso, dizer que a publicação é consagrada pela crítica e pela historiografia ao receber restaurada a aura que talvez não tenha no período em que circula. Poucas revistas do período são reeditadas, o que mostra que elas adquirem uma característica “canônica”. Significa que essas revistas, se eram marginais, passam a assumir uma aura que Beatriz Sarlo diz não ser própria das publicações periódicas, cabendo mais apropriadamente aos livros.

Essa canonização de determinadas revistas modernistas faz parte de um movimento iniciado pelos próprios modernistas, já no fim da década de 1940, de consagração do modernismo. A historiografia e a crítica literária acompanham essa tendência, contribuindo para a criação do “mito modernista”, como lembra Daniel Faria, em seus diversos aspectos:

um evento comemorado por intelectuais os mais refinados, rememorado em festas e festivais promovidos pelo Estado, sobretudo nas fases mais autoritárias da história política do Brasil contemporâneo, televisionado, musicado, reinvidicado por poetas marginais e concretistas, ensinado nas salas de aula para crianças, adolescentes, jovens e adultos...<sup>75</sup>

Ainda que Oswald de Andrade seja, a partir de 1929, ignorado por muitos modernistas, que o isolam<sup>76</sup> em virtude da zombaria que promove (Antônio Alcântara Machado, em carta a

---

<sup>73</sup> O *Arquivo Público do Estado de São Paulo* possui microfilmados alguns exemplares que compuseram a segunda detenção. Não é permitido, salvo em casos especiais, o acesso à revista original. O Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo também possui exemplares.

<sup>74</sup> GONZÁLEZ LANUZA, Eduardo. *Los martinfierristas*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1961. p. 12.

<sup>75</sup> FARIA, Daniel. *O mito modernista*. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 14.

<sup>76</sup> A filha de Oswald de Andrade, Marília de Andrade, fala do “desprezo que lhe dedicava o mundo literário ‘oficial’” e lembra que o pai morreu sem grandes visitas de intelectuais, tendo sido “punido com desdém pelo seu



Alceu Amoroso Lima diz: “Aí está – meu querido Alceu – a razão pela qual é imprescindível uma conjuração do silêncio em torno da nova fase oswaldiana. Cabotino o que ele quer é ruído à sua volta, já está isolado. Não convém tirá-lo da solidão.”<sup>77</sup>), a partir da década de 1960, a Antropofagia é novamente resgatada, especialmente pelo movimento tropicalista, e passa a ser motivo de inúmeras pesquisas acadêmicas, além de servir a festivais literários e eventos como os apontados por Daniel Faria. A institucionalização do modernismo, transformado em cânone estético, ocorre concomitantemente à perda do poder crítico e revolucionário da Antropofagia.

### Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi estudar a *Revista de Antropofagia* para além de seu conteúdo, estendendo considerações para a forma como ela se apresenta e circula, numa vinculação estreita entre texto, paratexto e contexto. Seu formato, divisões, textos entremeados com propagandas, promoção de si e de outros, antianúncios, dentre outros, têm íntima relação com seu conteúdo, algo similar com o que se deu na proposta estética de Tarsila do Amaral, alinhando forma e temática na elaboração de seus quadros antropófagos.

A *Revista de Antropofagia* pode ser lida como um objeto de natureza híbrida, em vários aspectos. Sua temporalidade está localizada num meio termo entre o imediatismo das notícias e a profundidade teórica dos livros. Nesse sentido, pode se dirigir aos seus leitores de forma direta, recebendo respostas mais audíveis também, o que favorece o diálogo e o debate. Seu hibridismo relaciona-se também à sua condição intermediária entre a literatura e o jornalismo. Oswald de Andrade exprimiu com maestria a condição do literato no início do século XX ao intitular suas memórias *Um homem sem profissão*, expressando o desamparo e a condição informal a que estava submetida a maioria dos intelectuais do período. O literato não consegue ainda, dada a pouca autonomia do campo literário, obter seu sustento exclusivamente de literatura, tendo que “vender sua pena para viver”, ou seja, trabalhar como repórter, jornalista, redator, professor ou em algum órgão do governo<sup>78</sup>. A quase totalidade dos autores que participa da revista tem experiência na vida jornalística, colaborando em jornais e revistas<sup>79</sup>, o que proporciona experiência tanto para a

---

brilhançismo, pela sua franqueza, suas ideias avançadas e extraordinária capacidade para satirizar”. In: ROCHA, João César de Castro, RUFFINELLI, Jorge (orgs.) *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É realizações, 2011.

<sup>77</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *Intelectuais na encruzilhada. Correspondência de Alceu Amoroso Lima e Antônio Alcântara Machado (1927-1933)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 85.

<sup>78</sup> Mário de Andrade, por exemplo, complementava sua renda ministrando aulas de piano.

<sup>79</sup> Para citar apenas o exemplo do mentor da revista, Oswald de Andrade já havia editado por sete anos a revista *O Piralho*, que publicou autores consagrados à época, com Amadeu Amaral, Voltolino, Alexandre Marcondes, Cornélio Pires, Ricardo Gonçalves, Martins Fontes e Coelho Neto. Também havia criado *Papel e Tinta*, com Menotti del Picchia, além de escrever com regularidade para os jornais do país, especialmente para o *Jornal do Comércio*, onde



confeção da revista quanto para explorar características jornalísticas e trazê-las para a área literária. A aproximação entre literatura e jornalismo dá-se, portanto, com a interseção de discursos e linguagens, o que a revista explora especialmente em sua segunda dentição.

A atuação na imprensa, por outro lado, ajuda no estabelecimento de contatos e na construção de uma rede de intelectuais em torno do empreendimento. Ao redor da publicação é tecida uma rede de contatos que se dá por diversos meios. As revistas têm tanta importância na produção, divulgação, discussão e formação de uma rede de intelectuais quanto os livros. A correspondência trocada, a reproduções de notícias de outros periódicos e os próprios textos, acompanhados não apenas do nome dos autores mas também de referência quanto aos seus locais de origem, mostram, em parte, o alcance de uma rede difícil de mapear.

A *Revista de Antropofagia*, enquanto empreendimento periodístico, possui caráter mais democrático que os livros, ao permitir a colaboração de intelectuais menos consagrados ou com menor capital financeiro, insuficiente para publicar um livro, por exemplo. Comenta Yone Soares de Lima: “Publicar um livro, nos primeiros decênios do século XX significava um requinte somente permitido aos aquinhoados financeiramente (ou aos bem apadrinhados)”<sup>80</sup>. Como um local de “estreia de novos”, ali é possível ser lido e fazer contato com nomes consagrados. Ser novo, em termos de idade e inexperiência, no caso modernista, não é uma característica negativa. Ao contrário, o objetivo é lançar novos autores, acreditando que a inexperiência é um indicativo de que o literato não está preso ao passadismo que se quer combater.

Por fim, é possível dizer que, enquanto órgão de divulgação dos ideais antropófagos, a *Revista de Antropofagia* age não apenas como um estômago, deglutindo assuntos diversos, nas áreas literária, artística, social e política, como também procura “ter estômago” – ânimo, disposição, apetite – suficiente para devorar o próprio modernismo, quando percebe que este “não compreendeu o nosso ‘caso’, não teve coragem de enfrentar os nossos grandes problemas, ficou no acidental, no acessório, limitou-se a uma simples revolução estética”, considerando-o “uma fase de transição, uma simples operação de reconhecimento, e nada mais”<sup>81</sup>.

---

mantinha uma coluna chamada *Feira das Quintas*. É ali que aparentemente Oswald conhece o homem que seria o editor da primeira fase da revista, Antônio Alcântara Machado, também envolvido na área jornalística, como outros colaboradores.

<sup>80</sup> LIMA, Y. S.. *A ilustração na produção literária: São Paulo, década de vinte*. p. 43.

<sup>81</sup> TAMANDARÉ. Moquém II – Hours d’œuvre. *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2ª Dentição, p. 6, 14 abr. 1929.